

CIÊNCIA

Bem além da seleção natural

Muito da contribuição de Darwin à teoria da evolução está no ofuscado “The Descent of Man”, publicado há 150 anos. Por **José Eli da Veiga**, para o Valor, de São Paulo

Muitos economistas brasileiros usaram algum dos livros de Robert H. Frank, professor de Cornell e colunista do “The New York Times”. Particularmente dois manuais pedagógicos, traduzidos pela editora McGraw Hill. Ambos em coautoria com Ben Bernanke, ex-presidente do Fed, o banco central americano, que também foi editor da “American Economic Review” e chefe do Departamento de Economia de Princeton.

Mas a maioria dos fãs de Frank é formada pelos que leram traduções de algumas de suas obras mais populares. De linguagem bem menos hermética, servem-se da nova “economia comportamental” para tratar de assuntos do tipo “enigmas do dia a dia”, “mérito”, “sucesso” e, até, “sorte”.

Raros são, contudo, leitores que tenham tomado conhecimento de sua mais curiosa proposta: derrubar o filósofo escocês Adam Smith (1723-1790) do pedestal de pai da ciência econômica, para transferir tal láurea ao naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882). Ele aposta que isso acabará por acontecer, mesmo que só daqui a um século.

Pode até parecer desafiante chacota, mas séria defesa de tal tese ocupa as 257 páginas de um dos 15 livros de Frank. O título deveria ter sido “Darwin’s Wedge” (A cunha de Darwin), mas o grande risco de suscitar piada com “wedgie” (cuecão) levou à troca por “The Darwin Economy” (Princeton, 2011).

O argumento salienta o choque entre as visões dos dois pensadores sobre a dinâmica competitiva. Segundo Frank, aquele tão benéfico efeito da “mão invisível”, metaforizado por Smith, não passaria, na concepção darwiniana, de caso excepcional. Nesta — sempre

segundo Frank —, o interesse individual seria ordinariamente contrário ao coletivo.

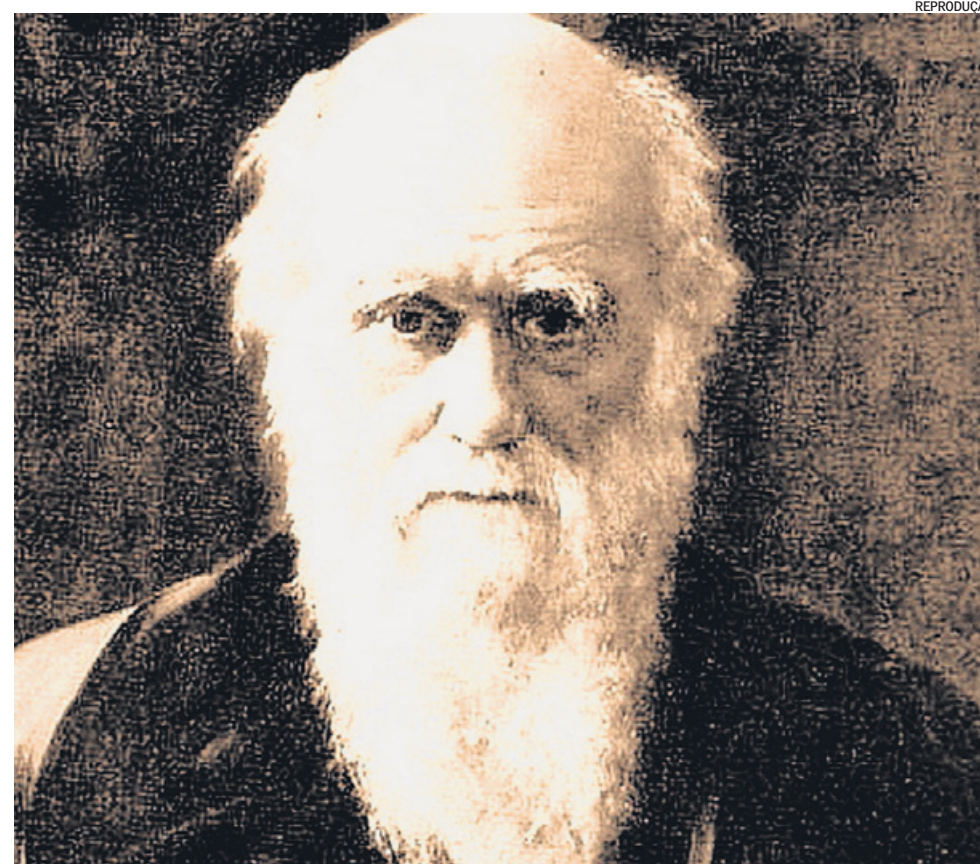
Dois aspectos são espantosos. Primeiro que, além da competição, nenhuma outra ideia de Darwin tenha merecido destaque. Segundo, que tenham sido solenemente ignoradas as reflexões dos muitos economistas que — ao menos desde Thorstein Veblen (1857-1929) — vêm revelando conexões bem mais robustas entre materialismo darwiniano e análises sociais. Útil amostra está na edição 63 da revista “Estudos Avançados” (IEA/USP, 2008).

Bem pior, entretanto, é a consequência da operação. Pois a gracinha de Frank só ajuda a ampliar e reforçar a vulgata de um Darwin obcecado pela competição. Inferência até compreensível, se restrita à primeira metade de sua contribuição, exposta no célebre “A origem das espécies”, de 1859 (Edipro, 2018; Ubu, 2018).

O problema é que a teoria darwiniana não pode ser razoavelmente entendida sem conhecimento de sua segunda metade, que precisou de mais 12 anos para chegar às livrarias, com o título “The Descent of Man”, incorretamente aportuguesado como “A origem do homem” (Hemus, 1974; Itatiaia, 2004).

Não há dúvida de que a esplêndida conjectura sobre uma impiedosa “seleção natural”, eliminadora de grande parte dos menos aptos, é válida para todas as espécies, inclusive a humana. Mas se mostrou insuficiente demais para explicar o excepcional e recente processo civilizador. Para interpretá-lo, tornou-se obrigatório enfrentar a intrincada relação entre competição e cooperação.

Claro, hoje se sabe que também há imensa cooperação fora da espécie humana. As pes-



Darwin deu mais ênfase às muitas formas de cooperação em seu segundo grande livro

quisas biológicas cada vez mais revelam o papel central desempenhado, em toda a história da vida, por sinergias decorrentes de dinâmicas colaborativas. Na exata contramão do que supõe a doutrina “gene egoísta”.

A despeito da longa e feroz resistência às descobertas de Lynn Margulis, hoje está reconhecida a relevância da simbiogênese, que realça os efeitos positivos de inter-relações entre indivíduos, sem negar as vantagens reprodutivas dos mais adaptáveis. A rigor, nem a vida teria surgido sem muita cooperação.

Porém, como bactérias e genes só despertaram o interesse dos cientistas entre o fim do século XIX e início do XX, Darwin não poderia ter sequer cogitado algo parecido. Só notou a magnitude da cooperação ao estudar a evolução humana.

Três afirmações conclusivas da obra que assepra suas 150 velinhas realçam o quanto a história da espécie humana levou-o muito além da teoria exposta em “A origem das espécies”:

1. *No que diz respeito à natureza humana, outros fatores superaram a “luta pela existência”, por mais que ela tenha sido importante e ainda o seja.*
2. *As qualidades morais avançaram muito mais devido às consequências dos hábitos, dos poderes do raciocínio, da instrução, da religião etc., do que de “efeitos da seleção natural”.*
3. *Foram instintos sociais que proporcionaram o desenvolvimento moral.*

Também não deixa de ser interessante notar que o termo “competição”, usado 44 vezes no primeiro grande livro, só teve 14 menções no segundo. Pois a ênfase de Darwin migrou para os “instintos sociais”, que geraram fenômenos como a ajuda mútua e a ética.

As muitas formas de cooperação — quase ausentes do primeiro grande livro — adquiriram importância central no segundo. Sem elas, nem seria possível entender por que boas coesões sociais superaram inúmeras guerras. As tribos vencedoras, que foram vingando, tinham mais solidariedade e virtudes morais.

Mas, como se sabe, a primeira grande obra também fomentou calamitosas exportações para as sociedades humanas. Essencialmente da suposição de que as circunstâncias ambientais só dariam chances aos mais capazes. Foram bem “dedutivos” os que — entre 1859 e 1871 — dela mecanicamente se serviram como alibi para a hedionda prática da eugenia. Ou os que, mais tarde, a isolaram para promover a efêmera ideologia do “darwinismo social”.

Já a segunda grande obra demonstra, com muita clareza, que o processo civilizador radicalmente contrariou a “seleção natural”. Lei geral que, aliás, continua a ser amesquinhada a uma “força” ou, pior, a um “mecanismo”, até por respeitados teóricos da biologia. E que é muito mais parecida a uma espécie de peneiramento, ou triagem,

do que a uma verdadeira seleção.

O impreterível, então, é constatar que, entre os humanos, a seleção natural escolheu o seu contrário. Muitos certamente enxergarão nisso um “paradoxo”, outros apenas “oposição” ou “contradição”. Mas a teoria darwiniana não pode ficar sujeita a tais armadilhas.

Para ilustrar a unidade de contrários que caracteriza a teoria de Darwin, o especialista francês Patrick Tort se vale da proeza matemática de August Ferdinand Möbius (1790-1868). Foi quem primeiro explorou aquela imagem, hoje corriqueira, de anel, banda, faixa ou fita, resultante de colagem de suas duas extremidades após uma meia-volta. Inspiradora de longo e intrigante conto de Julio Cortázar e muito usada como logotipo, bem antes de simbolizar o metaverso de Mark Zuckerberg.



Também foi só em “The Descent of Man” que Darwin desenvolveu reflexões sobre a seleção sexual, só esboçadas em “A origem das espécies”. Âmbito em que o nexo entre os combates dos machos e as escolhas das fêmeas também ilustra complexo vínculo entre competição e cooperação.

Em suma, tudo depõe contra os que ingenuamente segregam a primeira grande obra de Darwin, como se ela contivesse todo o seu contributo à teoria da evolução. Atitude comum, como, infelizmente, testemunha o constrangedor silêncio, no Brasil, sobre os 150 anos da segunda.

Para amenizar tamanha indigência, o Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP) promoverá, na tarde da segunda-feira 22 de novembro, uma conversa entre alguns de nossos melhores conhecedores do assunto. Sob a coordenação da professora Maria Elice Brzezinski Prestes, os dois expositores serão os docentes Lilian Al-Chueyr Pereira Martins e Nelio Bizzo. O trio se dedica, há muito, à história, à filosofia e ao ensino das ciências da vida.

O link: <http://www.iea.usp.br/eventos/150-anos-descent-of-man>

José Eli da Veiga é professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP: www.zeeli.pro.br